

O ESPAÇO CONTA HISTÓRIAS

resgate de memória do ARQ-UFSC e possibilidades de futuro

Angela Letícia Oliveira Biesuz | 16203410
Orientador: Ricardo Socas Wiese

Florianópolis | 2022.2
Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal de Santa Catarina

No pouco que existe, está tudo que existiu

Há um pequeno texto de Eduardo Galeano que, desde que li, ficou gravado em mim pela forma simples como fala de coisas belas. Nele, uma mulher encontra apenas o aroma de um bom vinho em um cântaro recolhido do chão. E questiona, enfim: “se estas são tuas pegadas, como terão sido os teus passos?”

Ao meu ver, é quase impossível viver o curso de arquitetura e urbanismo na UFSC sem chegar a questionamentos semelhantes. Assim como em qualquer casa materna, assim como pela cidade, o espaço deste departamento guarda histórias e nos diz coisas. Claro, também pela natureza do curso *de arquitetura*, somos ensinadas a olhar com mais detalhes os espaços todos, inclusive este em que vivemos a graduação. Mas há coisas para além dos pequenos causos que comentamos com cada turma de calouros. Sentimentos quase tangíveis passeiam pelo pátio conforme evocamos memórias.

Talvez diferentemente de outros cursos na UFSC, na Arq podemos fazer do espaço nosso lugar. As relações e afetos desenvolvidos aqui, os bons momentos guardados na memória, estão delicadamente envolvidos pelos aspectos físicos dos ambientes que ocupamos. Mais ainda quando podemos interagir diretamente com estes espaços, deixando marcas por eles ou, mesmo, aprendendo sobre sua história e como foram moldados, criados, mantidos ou revividos por quem esteve aqui antes. É por perceber o carinho na história falada que surge a vontade - admito, repleta de afeto - de fazer no meu trabalho final neste curso algum tipo de resgate e registro de memórias desse departamento que se fez meu lugar, conectando isso ao seu futuro.

Quando cheguei na Arq pela primeira vez para a matrícula, os escombros do chamado Pavilhinho antigo ainda estavam espalhados por todo o pátio. Os estudantes haviam colocado uma enorme faixa preta, em luto, em frente ao prédio, e cercado o caminho até a secretaria com cruces feitas com as madeiras da demolição. Parecia que se estava chegando a algum cemitério ou terreno baldio - mas eu já sabia, por mensagens dos meus veteranos, que aquela “instalação” era uma resposta dos alunos ao recente e doloroso processo de demolição do seu espaço de convivência. Sinal primeiro do que eu encontraria por aqui. Quando retornei seis meses depois para começar o curso, já havia sido

reconstruído e coberto o novo Pavilhinho, onde me senti em casa, no decorrer dos anos seguintes, durante meu processo formativo enquanto profissional e cidadã. É daqui que tento contar a história: através do ponto de vista de alguém que viveu intensamente espaços “não formais” que a UFSC tinha a oferecer.

A participação ativa no movimento estudantil através do CALA, bem como a oportunidade de trabalhar na Maquetaria e LabSisco durante minha graduação, fizeram com que eu passasse grande (enorme!) parte do meu tempo no departamento. Por inexplicável costume, me envolvi sempre com as questões concretas quanto ao espaço físico: desde o botar a mão na massa para construir e consertar, passando pela participação nas discussões sobre nosso prédio e Pavilhinho, até o aprofundamento das coisas abstratas - políticas ou não, pedagógicas ou não - impactadas pela organização do espaço. Ao longo destes anos, conheci por diversas fontes muitas partes da história do ARQ - UFSC, e sempre gostei de compartilhá-la com os novos colegas porque isso enaltece na comunidade acadêmica o sentimento de pertencimento. E, é claro, enriquece nossa formação. Ter podido fazer parte da construção dessa história por um curto tempo é algo que levo com muito orgulho na minha trajetória.

No decorrer do processo de TCC, na adorável companhia de professores, colegas e gente querida que me fizeram a gentileza de “jogar conversa dentro” sobre o assunto, descobri ainda novas inquietações sobre a escola de arquitetura como um todo. Dentre tantas perguntas que levantamos, a que mais sintetiza a intenção deste trabalho é: *que espaços precisamos e queremos por aqui?* Isso diz respeito ao passado, presente e futuro. Com frequência, pensei sobre a efemeridade das coisas pelo nosso pátio e na fragilidade estrutural ou simbólica do Pavilhinho, e com essa premonição vinha também a ânsia por não perder para o passado aquilo do espaço que, ao meu ver, qualifica esse curso. E o prédio branco, divisor de opiniões? Também há de ser registrado, e ter seu potencial destacado. Mas caracterizar lugares que *temos, precisamos, queremos ou sonhamos* é algo que pode ser respondido infinitamente, das mais diversas formas - ainda mais em meio a um curso de arquitetura e urbanismo. Não pretendo esgotar aqui as possibilidades de interferências neste departamento; mas acredito que tenha algo a

contribuir para levantar (ou seria reerguer? Ou cavar a espera para a fundação? Ou ainda revelar em fósseis enterrados?) e manter viva esta discussão. Neste meio tempo, notamos alguns outros trabalhos de conclusão do curso voltando os olhos para dentro, para nossa escola. Pode ser reflexo do que tem sido difícil na universidade pública na última década, da sensação de estarmos há anos e anos estagnados em algumas discussões, ou mesmo efeito dos dois anos que tivemos que passar isolados em casa. No meu caso, só conseguia pensar nas goteiras do CALA toda vez que chovia e se aquilo tudo ainda estaria em pé quando voltasse (não só no sentido literal). A história que deixo narrada nas páginas seguintes foram colhidas de várias pessoas e relíquias ao longo dos últimos seis anos, através dos meus olhos de ver o mundo doce.

Para além de tudo, sou uma pessoa

irremediavelmente conectada às minhas emoções (caso ainda não tenha ficado entendido isso). Não poderia ter outra cara meu TCC senão a tradução do meu enorme carinho por este lugar e pelas pessoas nele - as que vieram antes, as que estiveram comigo, e as que virão e, se tudo correr bem, continuarão vindo sempre à uma Universidade cada vez mais viva, cada vez mais cheia e diversa. Tem alguma coisa sobre tudo isso - o espaço de convivência, a memória de luta, o aprender com as mãos, as relações entre a galera, a apropriação do espaço, as histórias sobre como foi feito, o contrapiso enormemente vazio em frente à arquibancada do prédio branco, tanto terreno vago cheio de significado, todo o verde ao redor, a mesa de sinuca comprada com dinheiro de festa: espero que as páginas seguintes façam jus à este lugar que é, além de tudo, um **sentimento**.

A Universidade em questão

A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) é uma instituição de pesquisa, extensão e ensino superior pública e gratuita, sendo a maior do estado. Seu *campus* principal está localizado no bairro Trindade em Florianópolis, e há mais quatro *campi* em outras cidades. Atualmente, oferece, para além dos diversos cursos de graduação e pós graduação presenciais e à distância, ensino básico, espaços e equipamentos culturais, pesquisa e serviços sem fins lucrativos, bem como convênios com outros países e fundações de incentivo ao desenvolvimento tecnológico. Estrutura-se através de Unidades Universitárias - os chamados Centros de Ensino, com administração própria - que congregam os *campi* e Departamentos de cada área do conhecimento científico, artístico ou filosófico, além de uma Administração Central, Órgãos auxiliares e Órgãos suplementares, como as pró reitorias e equipamentos como a biblioteca, restaurante, museu, hospital universitários, etc. Em relação ao ensino, cada Departamento organiza um corpo docente que oferece diversas disciplinas relacionadas a uma mesma área, enquanto cada Curso acontece a partir do agrupamento de diversas disciplinas - normalmente, oferecidas por diferentes Departamentos - ao longo de um período de alguns semestres que resultam numa formação interdisciplinar profissional, técnica e cidadã dos estudantes.

Neste trabalho estão em foco o Departamento e Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFSC que hoje se localizam no *campus* Trindade, no extremo do terreno em proximidade aos bairros Pantanal e Córrego Grande. Diferentemente de outras universidades em que há uma proximidade física e administrativa a cursos de expressão artística, na UFSC a arquitetura surgiu e permanece no Centro Tecnológico (CTC), sendo deste o único curso que não se caracteriza como um tipo de engenharia focado majoritariamente em ciências exatas. O Departamento, inclusive, diferentemente dessas engenharias, administra o próprio espaço físico, visto que suas dependências são ligeiramente afastadas do resto do CTC, cuja infraestrutura integrada fica sob supervisão da própria direção do Centro.

A UFSC foi criada na Lei nº 3849, de 18 de dezembro de 1960, sancionada por Juscelino

Kubitschek. Partindo da união de sete faculdades já existentes (Direito, Ciências Econômicas, Odontologia, Farmácia e Bioquímica, Filosofia, Medicina e Serviço social) junto à criação da faculdade de Engenharia, a instituição é federalizada cinco anos após sua concretização. Datada da década de 1960, a UFSC constitui-se em um momento de intensa organização universitária ao invés do enfoque em faculdades isoladas no Brasil, sendo o paradigma das universidades europeias (integradas à centralidade) substituído pelos ideais norte-americanos de *campus*, com a intenção de isolar da vivência urbana e agitada o espaço de ensino, pesquisa e desenvolvimento tecnológico (BUFFA; PINTO, 2009). Em relação à sua localização, interessa aqui lembrar a discussão quanto à definição do local que abrigaria o *campus* pioneiro da UFSC, dado que a universidade em si foi concebida a partir de faculdades já consolidadas no centro.

Nos primeiros planos diretores de Florianópolis, como no de 1952, já estava prevista a implantação de uma universidade na cidade (neste caso, ainda em proximidade com o centro fundacional, em um intencionado eixo de desenvolvimento urbano em direção ao sul da ilha). Esta discussão precede a oficialização da UFSC, sendo em novembro de 1954 reservadas para este fim as terras da então Fazenda Assis Brasil através da Lei nº 1170 de 26 de novembro. Conforme consta em relatos, notícias e publicações sobre a história da universidade, a proposta da sua implantação na atual localização fora feita por Henrique da Silva Fontes, sendo a intenção do idealizador e primeiro reitor da UFSC, João David Ferreira Lima, diferente; porém, este havia acordado em votação no Conselho Universitário para localizá-la onde está hoje ao ser pressionado por estudantes (RODRIGUES, Icles, 2010).

Em um primeiro momento, existira a intenção de instalar nas terras da fazenda - na época denominado Conjunto Universitário da Trindade - novos institutos da universidade voltados à pesquisa, sendo os cursos já existentes mantidos em funcionamento no centro da cidade, o que viria a mudar na década seguinte. Os primeiros edifícios construídos no *campus* foram aqueles destinados à faculdade de Filosofia e, com o passar dos anos, os cursos e instituições estudantis estabelecidos em outros lugares foram gradualmente transferidos para a Trindade, uma área ainda rural na época.

Nestes primeiros anos, já são intensas as manifestações estudantis em relação à qualidade das instalações, os direitos para assegurar sua permanência e opiniões quanto à localização das aulas, reitoria e moradia estudantil. Para além disto, as dificuldades de instalação da infraestrutura na Fazenda - por tratar-se de um



terreno altamente alagadiço - e as sempre presentes contradições causadas pela especulação imobiliária em Florianópolis também ganhavam destaque no que tange à construção do Conjunto. Apenas a partir da década de 1970 que o *campus* Trindade da UFSC passaria a contar com a presença de todos os seus cursos. Invariavelmente, a urbanização de Florianópolis aproximou-se da universidade, cercanda-a de comércios, serviços, residências e infraestrutura nem sempre tão planejada, colocando-a hoje num ponto articulador de mobilidade com enormes desafios, mas com quase tudo que os estudantes possam precisar por perto.

Outros fatores históricos marcantes na primeira década de existência da UFSC são, *muito resumidamente*, o contexto de guerra fria após a segunda guerra mundial, a ditadura militar em ascensão no Brasil e o fator comum entre estes: a intensa influência estadunidense no mundo, e em especial, em diversos países da América Latina. Não é intenção deste trabalho detalhar a maneira como surgiu o contexto em que é criada a universidade, mas é essencial mencioná-lo para que seja possível identificar seus reflexos até o período atual, e para que possamos superar ideais obsoletos ao planejar o futuro da UFSC, especialmente no que diz respeito aos seus espaços.

É nesta conjuntura que acontece a Reforma Universitária de 1968 (Lei nº 5540, de 28 de novembro), um dos resultados do acordo MEC-USAID (Ministério da Educação e Cultura e *United States Agency for International Development*, Agência dos Estados Unidos para Desenvolvimento Internacional) na década de 1960, que definia diretrizes políticas e técnicas a serem implantadas em todos os níveis de ensino no Brasil visando o “desenvolvimento” do país de forma a atender o capital internacional e interesses das grandes corporações norte-americanas.

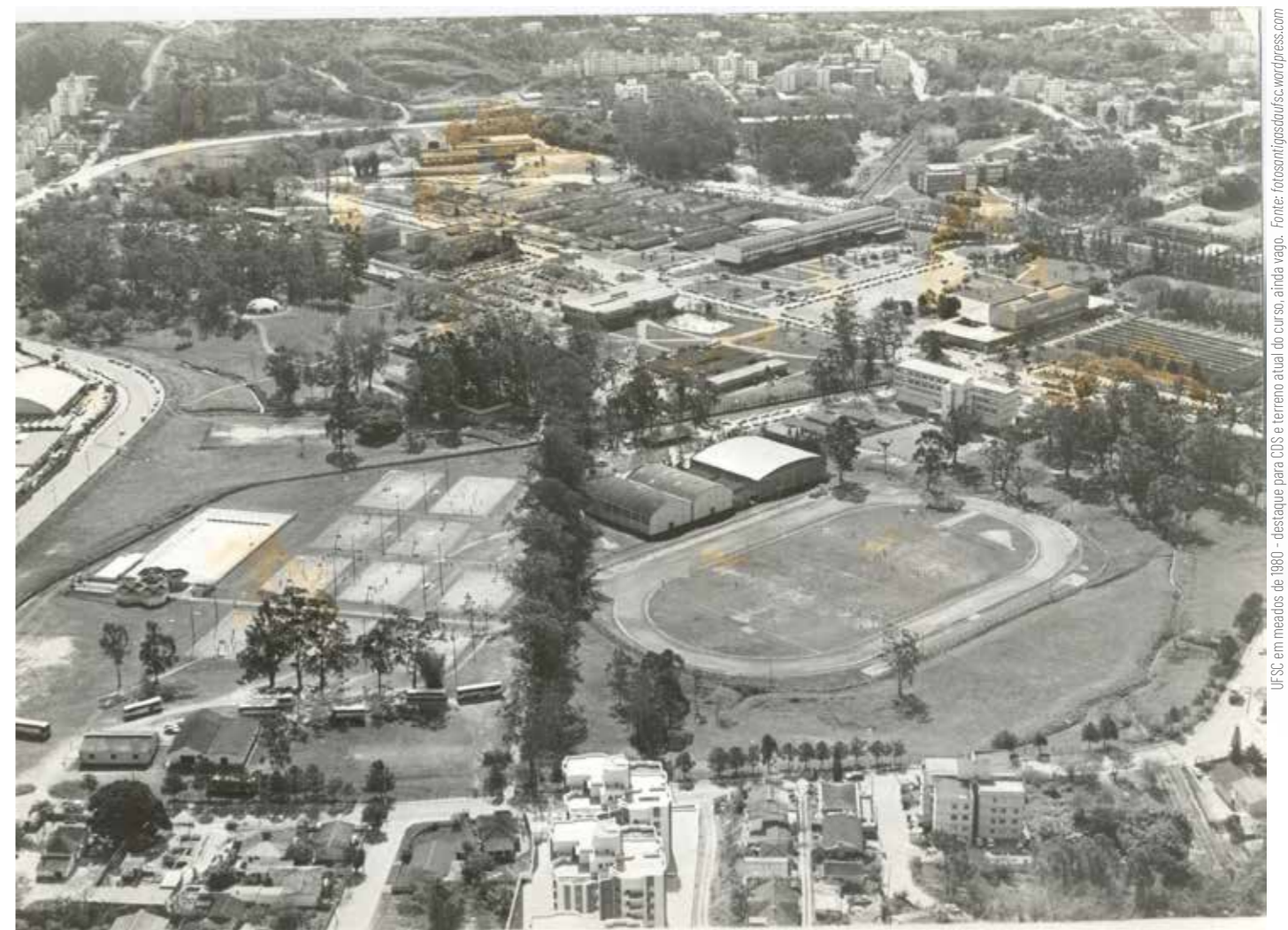
Algumas mudanças implementadas por esta reforma são: a expansão das instituições de ensino superior pelo país, inclusive aquelas de iniciativa privada; a departamentalização na universidade com a extinção das cátedras; a dedicação exclusiva dos professores; a união de áreas do conhecimento em Centros de Ensino ao invés das faculdades isoladas; a organização do semestre como período de estudo e avaliação; a matrícula por disciplinas e o sistema de créditos com duração fixa; mudanças nos setores administrativos; o enfoque na criação

de cursos de pós graduação; diretrizes que diziam respeito especificamente à configuração espacial e localização dos campi; a criação de Ciclos Básicos e seu reflexo no processo do vestibular; e estratégias no intuito de reprimir a oposição ao regime ditatorial, configurando na Reforma um momento inicial da sua fase mais repressiva.

Esta Lei foi baseada em estudos realizados anteriormente nas universidades brasileiras, com destaque para o de Rudolph Atcon, que visitou diversas destas instituições para elaborar seu Relatório. Sobre a visita à UFSC, afirma ter nela encontrado um modelo ideal de organização administrativa, equiparando-a a uma empresa privada (ATCON, 1966). Na época da visita e do documento, na Universidade Federal de Santa Catarina já se ensaiavam alguns dos preceitos que a Reforma traria. Certamente, não foi possível tornar adequada à realidade brasileira as intenções estrangeiras colocadas naquele momento. Já éramos um grande palco de ideias fora do lugar.

São incontáveis os efeitos da Reforma em todas as áreas e níveis de ensino. É então das primeiras décadas de vida da UFSC, como colocado, sua organização em Centros e outras diretrizes que configuram até hoje sua conformação espacial, buscando reunir áreas do conhecimento sob uma administração intermediária ao mesmo tempo em que as separa categoricamente em departamentos distintos, dividindo também os corpos docente e discente dedicados à cada um deles, em estruturas simples e padronizadas. Colocando de maneira bem direta, é intencional a falta de espaços de encontro e fluxos que possibilitem o encontro não planejado e uma breve permanência para que pessoas diferentes conversem informalmente. E é deficiente, até hoje, a capacidade do Estado de prover espaços qualificados neste sentido, bem como concluir os que inicia.

No curso de Arquitetura e Urbanismo, contradições inevitáveis por estar englobado junto aos Departamentos de engenharia no CTC (que historicamente e até hoje tem certa dificuldade em abrigar diversidade) serão notáveis nos rumos da sua história, e sua configuração espacial será reflexo incessante do caráter da escola.



UFSC em meados de 1980 - destaque para CDS e terreno atual do curso, ainda vago. Fonte: fotosantignofurisc.wordpress.com



Conflito violento na Novembroada, 1979. Fonte: página dos 60 anos de história da UFSC

Resgate de memória do ARQ-UFSC

O curso de Arquitetura e Urbanismo da UFSC tem início em março de 1977, período em que a ditadura militar já fora a realidade de pelo menos metade do tempo de vida dos jovens que ingressavam no ensino superior. Apesar disto (ou justamente por isso?), a década de 1970 configurou-se como palco de intensas manifestações estudantis na Universidade Federal de Santa Catarina, num momento de ressurgimento de movimentos estudantil e trabalhista e das greves por todo o Brasil.

Era, na época, o 16º curso de arquitetura do país e o primeiro de Santa Catarina. Hoje já existem centenas de cursos, resultado da intensa ampliação de instituições de ensino privadas na última década, incluindo os cursos oferecidos à distância. Iniciado com vínculo ao Departamento de Engenharia Civil (inclusive, baseado neste curso), contou com jovens arquitetos contratados de diversas regiões (RS, RJ, SP e outras) em sua primeira configuração de corpo docente. O curso só

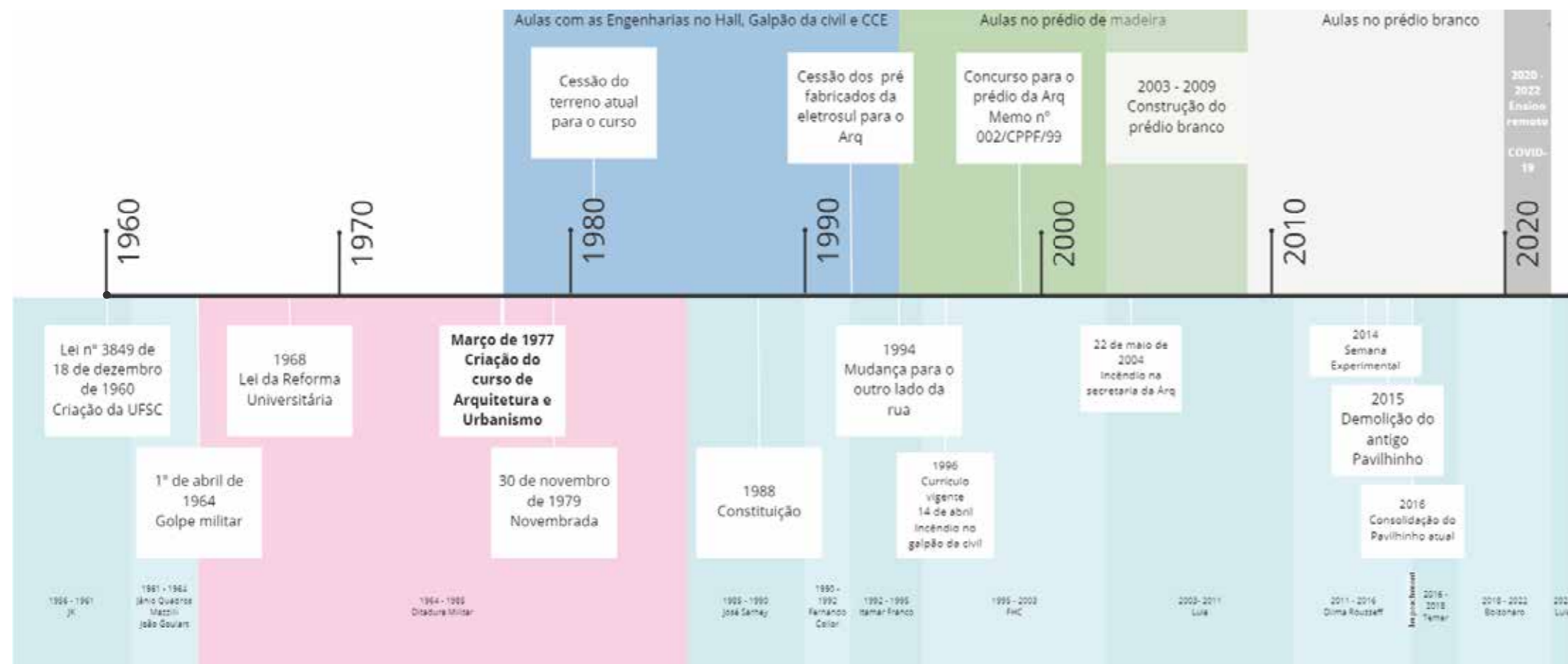
obteve reconhecimento pelo Conselho Federal de Educação em 1982 através do parecer nº 555. Deste primeiro momento, é interessante ressaltar: a existência do Ciclo Básico e a dependência dos espaços do CTC.

Com a implementação do Ciclo Básico - já iniciada na UFSC antes mesmo da Reforma Universitária de 1968 - os estudantes tinham de cursar, nos primeiros semestres, disciplinas comuns para só depois dedicarem-se aos conhecimentos específicos da sua formação de escolha (Ciclo Profissional). Isso significava que os alunos tinham aulas como "matemática, português e educação física", junto a outros estudantes que visavam áreas distintas na sua profissionalização. A intenção justificadora do Ciclo Básico era a de compensar um ensino secundário limitado; um efeito disso, no entanto, foi a transferência da competição existente entre os alunos no vestibular para os primeiros anos do ensino superior, já dentro da universidade, visto que as vagas em disciplinas profissionalizantes

dependiam do seu desempenho. No caso do curso de arquitetura, o reduzido número de profissionais da área tanto na cidade quanto no corpo docente também contribuía para uma dependência maior de outras estruturas (como os próprios departamentos de engenharia e suas disciplinas ofertadas). Outro ponto, consoante com as estratégias de defesa do regime militar colocadas com a Reforma, é assim explicado pelo professor Lino Peres (2010), que lecionou no departamento de arquitetura, no livro sobre os 50 anos da UFSC:

"Este era o discurso vigente que vinha dos EUA; (...) uma modernização, através da Reforma Universitária, de acordo com o projeto de reforma do MEC, de integrar estas áreas de conhecimento num mesmo centro de áreas afins, implantando uma racionalização institucional, administrativa e acadêmica ao sistema universitário. Sabemos que, na prática, se buscavam outros fins, era outra coisa; servia para desmobilizar focos de resistência em vários pontos do país, implantarem-se campi

comunidade ficava isolada; a universidade, assim, tinha menos força e relação com a sociedade. Isto era o discurso que não era dito. Tinha-se uma direção nos centros e nos departamentos, (...), com isto, economizaria meios e recursos para ter uma gestão mais ágil. Na prática, não houve a integração que se apregoava, a estrutura administrativo-burocrática se reproduziu nos departamentos, vindo das faculdades ou se geraram novas estruturas burocráticas. O mais importante é que as universidades e faculdades perderam a autonomia universitária, sofrendo intervenção direta ou controle hierárquico."



Geodésica no pátio adjacente ao pavilhão no CTC. Fonte: grupo dos 40 anos do curso



No CTC

Em relação ao espaço, durante seus primeiros dezessete anos de existência o curso de arquitetura e urbanismo aconteceu em meio às instalações dedicadas para os cursos de engenharia – especialmente a Civil e Elétrica –, além de no “básico”, nome dado na época ao atual prédio do CCE (Centro de Comunicação e Expressão, defronte à atual Reitoria), onde aconteciam parte das disciplinas do ciclo básico.

O Pavilhão da Engenharia Civil (hoje inexistente devido a um incêndio em 14 de abril de 1996) havia sido inaugurado em 1972 frente à necessidade daquele curso por um espaço próprio após a Reforma, pois antes localizava-se junto ao Pavilhão da Engenharia Mecânica. Nos anos seguintes, com o surgimento dos cursos de arquitetura e urbanismo e de engenharia sanitária e ambiental, abrigou outros espaços dedicados à administração, ensino e pesquisa específicos destes departamentos, que só deixariam de ser ocupados para estes fins alguns anos depois. Esta inconveniência é explicada amiúde na página da UFSC sobre a história do ECV (Departamento de Engenharia Civil):

“(…) O curso de Engenharia Civil usufruiu sozinho deste pavilhão até março de 1977 quando foi criado o curso de Arquitetura e Urbanismo. Nesta ocasião foram criados no pavilhão mais dois laboratórios para servir ao novo curso: o Laboratório de Conforto Ambiental com 72m² e a Maquetaria com 202,5m². A criação do Departamento de Arquitetura e Urbanismo em 1979 implicou na cessão, pelo Departamento de Engenharia Civil, dos 274,5m² usados pelos dois Laboratórios. A partir de então o Pavilhão passou a abrigar setores de dois Departamentos da Universidade.

(…) A negociação da nova ocupação do Pavilhão possibilitou a retornada da área antes ocupada pela Arquitetura, com 274,5m², para Departamento e para a sala dos alunos da Pós-Graduação em Engenharia Civil. Em compensação, toda área ocupada pela Secretaria do Departamento, Coordenadoria de Graduação, e Coordenadoria de Pós-Graduação em Engenharia Civil, no pavilhão, num total de 232 m², foi cedida para a Engenharia Sanitária.” (ECV, UFSC, 2023)

Este Pavilhão é comumente chamado de “Galpão da Civil” por professores atuais e antigos do curso de arquitetura. No final da década são inaugurados o que se conhece hoje como prédios

principais do CTC: o Hall e Bloco B, estruturado com salas de aula. Ali, no Galpão e no Básico os alunos e professores da arquitetura compartilharam por anos os espaços com outros cursos, principalmente as engenharias, sem usufruir de muita infraestrutura adequada para o aprendizado e prática específicos essenciais da área, espaços de exposição ou de convivência próprios e de maior qualidade, apesar de contar com ateliês no terceiro andar do bloco de salas de aula – entende-se, aqui, por “ateliês”, espaços mais amplos e coletivos, com grandes mesas e layout menos rígido, em comparação às salas de aula padrão.

O que chama atenção nos relatos da época é justamente a existência de conflitos entre a natureza livre, crítica e experimental do curso, digamos assim, com o rigor e ordem historicamente colocadas por parte da administração e demais usuários destes espaços. Frequentemente, mesmo as instalações artísticas elaboradas formalmente – por demandas pedagógicas, trabalhos feitos em sala de aula – sofriam vandalismo e represália quando expostas; ao ponto de se chegar a processos administrativos.

Esta tensão em relação ao uso do prédio e arredores, bem como a dispersão geral de alunos em meio à estudantes de outras áreas nas mesmas salas de aula, levou o curso de arquitetura e urbanismo, durante os anos seguintes, a discutir e buscar construir uma identidade para a escola. Este debate abrangia desde as questões práticas como o espaço físico até o currículo em si, que vinha sendo melhorado desde a fundação do curso – no sentido de dedicar-se mais à arquitetura e urbanismo, diferenciando-se do curso de engenharia civil e do ciclo básico, contribuindo para a própria discussão quanto à função do arquiteto, objetivos da formação e das escolas de arquitetura.

Na mesma época da criação do Departamento de Arquitetura e Urbanismo, em 1979, é fundado o CALA (Centro Acadêmico Livre de Arquitetura), o primeiro Centro Acadêmico Livre na UFSC. Esta denominação vinha como um manifesto pela criação de CAs resistentes às opressões do governo ditatorial vigente, desatrelados da legislação imposta que extinguiu a UNE (União Nacional dos Estudantes) e os DCEs (Diretórios Centrais dos Estudantes), impondo um DNE (Diretório Nacional dos Estudantes). Já em 1979, numa primeira eleição direta para o DCE da UFSC, caracterizada pelo período de reabertura, o CALA marcou presença na história do Movimento Estudantil por recusar-se a votar, apesar das sabidas punições que este protesto

acarretaria.

Ocorreu também em 1979 um dos episódios mais conhecidos da resistência estudantil à ditadura em Florianópolis, a Novembrada. Organizada por alunos que compunham o DCE, o protesto ocorreu em frente ao Palácio Cruz e Souza quando da visita do então presidente general João Figueiredo à cidade. O movimento ganhou força com a aderência da população presente e resultou num conflito tumultuoso e violento, sendo sete dos estudantes presos sob a Lei de Segurança Nacional. A este episódio seguiram outros protestos, igualmente reprimidos com violência policial, em defesa dos líderes detidos e com pautas pelo fim da ditadura.

Hoje caracterizamos o período em que ocorreu a Novembrada como o início da Abertura política ou Redemocratização, momento em que o governo militar começa a recuar após anos no poder. A incessante luta das classes trabalhadora e estudantil durante esta parte sombria da história do país foi essencial para o fim da ditadura. Na UFSC, não haveria de ser diferente. Entre as décadas de 1970 e 1980, eram constantes e lotadas as assembleias e greves; mobilizações estudantis eram intensas e ousadas, com enfrentamento ao



Instalações feitas por estudantes no Hall do CTC. Fonte: grupo dos 40 anos do curso

módulos de aproximadamente 90cm de largura, podiam ser configurados em malhas ortogonais e compor espaços térreos fechados. Foram utilizados pelo campus como medida paliativa para a demanda de espaço, porém, a única instalação destes “barracões” existente até hoje é a que se encontra no departamento de Arquitetura e Urbanismo.

“Tendo em vista as dificuldades presentes naquele ano de 1994, de administrar um campus próximo à saturação, repleto de construções de baixa qualidade construtiva, com uma demanda crescente de área construída, transformando-se em um espaço confuso e desorganizado, foi nomeada a Comissão (...) Parte dela dedicou-se ao projeto do prédio para o Curso de Arquitetura, transformando um barraco de madeira utilizado pela ELETROSUL. Assiste-se, exatamente neste período, à grande proliferação de construções precárias em madeira, doadas, em geral, a partir do desmonte dos canteiros de obra da ELETROSUL, ocupando extensivamente os solos, que já se tornavam escassos naquele momento.” (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, 2005)

A porção de terreno da UFSC onde a escola está situada já havia sido indicada para uso da Arquitetura anos antes da sua ocupação com os materiais doados. Até a mudança para “o outro lado da rua” foram realizados concursos internos no departamento para a definição do novo prédio para o curso; porém, sem resultados concisos nem recursos abundantes, o espaço foi concebido de forma simples e direta, com a edificação dos painéis pré-moldados pintados de verde sobre lajes de concreto de forma a estabelecer a escola antes que o local vago fosse designado para outro uso. Era, afinal de contas, uma construção provisória que viria a ser substituída em breve. Vinte e nove anos depois, as treliças seguem caracterizando o espaço-lugar dos estudantes de arquitetura e urbanismo da UFSC.



Fonte: grupo dos 40 anos do curso



No outro lado da rua

Entre 1994 e 1995 acontece definitivamente a mudança do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFSC para o local onde se encontra até hoje. Naquele momento, foi uma edificação térrea implantada como dois “C”s, conectados em uma das pontas pela cobertura e uma bateria de sanitários. Cada trio de alas do prédio configurava um pequeno pátio interno. No primeiro, mais próximo da rua Engenheiro Agrônomo Andrey Cristian Ferreira (ponto de acesso da universidade), apenas o eixo central tinha circulação interna; localizavam-se ali salas de professores e espaços de uso mais reservado e silencioso. Mas em todos os outros segmentos da edificação, a circulação acontecia em generosas varandas cobertas, com pilares alinhados a cada 3,60m, diretamente conectadas com o ambiente externo, com piso de tijolos deitados num nível intermediário.

O segundo pátio, um pouco mais afastado da rua, contava com um anfiteatro cavado no solo e um muro conformando o que seria o palco desta pequena arquibancada. Ao redor deste pátio, com circulação e aberturas voltadas para ele, localizavam-se ateliês, salas de aula e laboratórios como a Maquetaria, além da salinha do Centro Acadêmico. Este espaço, conforme todos os relatos que ouvi e li durante o curso e a pesquisa para este trabalho, era extremamente vivo e aconchegante. Expressão máxima de apropriação, exploração, experimentação e pertencimento. Apesar da sabida fragilidade e/ou efemeridade do departamento concebido, por sua materialidade e por tratar-se do reaproveitamento de uma construção que já era provisória, essa primeira instalação física do curso permitiu o desenvolvimento de uma escola em que, mesmo com pouco, o essencial não faltava. E, claro, finalmente se praticava autonomia em relação ao espaço sem que a coexistência com os cursos de engenharia fosse uma limitação.

Essa “cara” que a escola teve em seu início, inclusive, representou também a **natureza de exploração não dogmática** do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFSC. Diferentemente de outros cursos pelo país, nascidos de Faculdades de Arquitetura com nome e sobrenome, linhas de pensamento bem definidas, estilos inconfundíveis, corpo docente quase em uníssono nos seus ideais e prédios imponentes, o ARQ-UFSC nasce uma

miscelânea de vertentes. Uma “colcha de retalhos” composta de profissionais de diversas regiões do país e de fora dele compunham o corpo docente ou contribuíram pontualmente na formação dos estudantes. Correntes de pensamento diversas eram exploradas - mesmo as diametralmente opostas. Foi e é constante a conexão com a atualidade da cidade, do país e do campo da arquitetura como um todo. A nova casa do curso somava força ao currículo que era elaborado e aos anseios de ensino, pesquisa e extensão livres em suas manifestações. Como é de costume numa edificação provisória, a escola está sempre em construção, sem pretensão alguma. Como não é de costume dos “edifícios-monumentos”, aqui a flexibilidade rege o uso do espaço. É marcante a qualidade que se pôde garantir àquele edifício apenas pela sua espacialização e implantação, mesmo com materiais simples e poucos recursos.

Apesar das dificuldades de operação e manutenção com pessoal reduzido ao separar-se fisicamente da infraestrutura integrada do CTC, a escola conquistou autonomia de gestão e controle dos seus espaços e de questões pedagógicas do curso como um todo. Espaços como o LDA (Laboratório de Documentação e Acervo) e Maquetaria (hoje LabMoMa - Laboratório de Modelos e Maquetes) eram articuladores culturais da escola, espaços de troca, aprendizado, exposições; a proximidade e convivência com os técnicos destes ambientes contribuía para uma formação rica. O encontro da comunidade acadêmica no pátio do anfiteatro e nas varandas de escala humana era cotidiano e diverso. A circulação era contorno, caminho, abrigo e museu de exposição da produção acadêmica e artística - tanto através das pranchas de projeto presas diretamente à madeira, como das pinturas nos armários dos alunos. Os pilares eram pórticos de entrada e apoio para redes. O vão entre as singelas salas térreas era tomado de amplitude com as coberturas de bambu construídas para as semanas acadêmicas, ao mesmo tempo em que a conformação dos pátios, apesar de rígida geometricamente, era um abraço ao dia a dia. O colega estava há alguns metros de distância no corredor do outro lado, mas perto o suficiente pra se comunicar com o olhar. O muro dizia coisas novas o tempo todo, em várias cores e caligrafias.



Fotografias: João Carlos | grupo dos 40 anos do curso

Nas alturas

Entre o final da década de 1990 e início dos anos 2000, o curso segue realizando tentativas de concursos internos para a escolha do que seria construído em substituição às instalações de madeira. É desta época, também, o currículo vigente do curso: 1996. Há pranchas elaboradas pelo LabProj (Laboratório de Projetos) que datam de 1993 (antes mesmo da mudança), prevendo consideráveis construções, também em madeira, que preencheriam os vãos dos pátios da escola e abrigariam salas de professores, de reunião e laboratórios; porém, estes complementos nunca foram executados.

Realizado internamente com equipes de docentes e estudantes, é apenas no terceiro concurso, no final de 1998, que o atual edifício branco é eleito vencedor, inserido pela equipe coordenada pelo então professor Enrique Hugo Brena Nadotti, dentre outras 5 propostas e polêmicas acerca do processo que ainda são comentadas. Assim como hoje, era difícil prever os recursos que seriam realmente aplicados e levá-los em consideração no projeto, dado que acontecia dentro de uma estrutura orçamentária federal.

Com características pós modernas, o bloco que hoje ocupa a maior parte do departamento é implantado côncavo em relação ao norte, constituindo-se de três pavimentos (além de mezanino, porões e laboratórios de um nível e meio abaixo do piso térreo) e precedido de uma arquibancada generosa de concreto, igualmente côncava, que conecta o hall de entrada às circulações verticais e horizontais que levam aos seus ambientes. A fachada sul, convexa, é quase inteiramente coberta de amplas janelas e ritmada com brises verticais e horizontais, sendo a parte central do edifício mais saliente e escalonada, com centros de arcos diferentes. Os corredores externos na frente do prédio permitem grande comunicação visual e são pontuados de sacadas: algumas pequenas e outras mais amplas, onde previa-se a instalação de rampas de conexão à uma outra ala, no centro da curvatura. Em planta, o prédio é um arco subdividido em três grandes partes, ladeados pelos sanitários, instalações, elevador e escadas de emergência. Apesar da planta livre, quase todas as seções do espaço são separadas por divisórias, móveis ou não, que

multiplicam a quantidade de salas ao passo que as diminuí em área. Visualmente, apresenta nas fachadas linhas limpas e marcantes que são rigorosas em geometria, mas suavizadas pela curva. Apesar da linguagem pós moderna, apresenta uma simetria inflexível, que seria perfeita não fosse pelos “dentinhas” causados pela construção em etapas. Ergue-se imponente abraçando ou engolindo os singelos resquícios da antiga escola de madeira.

Uma verdade absoluta sobre o atual prédio do curso de arquitetura da UFSC é que ele divide opiniões. Há quem o considere genial, e quem despreze sua existência. Quem defenda que suas limitações acontecem pelo fato de não estar terminado, e quem trabalhe ativamente pelo esquecimento do resto do projeto que não saiu do papel. Os que acham que foi uma justa vitória, e os que não se conformam com o processo de votação até hoje. Quem ache interessante sua forma singular vista de longe e quem não veja sentido na sua sinuosidade. É impossível este debate não aflorar numa escola de arquitetura. De qualquer forma, a edificação atual não reflete completamente as intenções colocadas à época do concurso. E, independentemente disso tudo, há duas décadas confere identidade ao lugar.

Alas inteiras, singelas referências à qualidades do departamento antigo, paredes inclinadas, passarelas, coberturas, passeios e ambientes semi enterrados podem ser vistos nas versões originais do projeto - que, inclusive, diferem entre si em termos de paisagismo e distribuição de programa - que não foram levadas a cabo na construção do edifício. Por dificuldades em termos de recursos e executabilidade, inclusive na logística entre demolição e construção, partes inteiras foram extinguidas ou simplificadas, e o prédio foi construído em três etapas (todos os pavimentos de cada terço do arco por vez). A primeira, erguida em meados de 2002, ocupou o espaço que era utilizado como estacionamento e que hoje caracteriza-se como APP (Área de Preservação Permanente) pela proximidade com o Córrego da Arquitetura, que é canalizado entre o departamento e a fundação CERTI antes de desaguar no Rio do Meio.

Nesta configuração, encontrava-se “atrás” da escola a nova edificação, sem maiores prejuízos aos fluxos e dia a dia do lugar. Ocorreu, na noite de 22 de maio de 2004, um incêndio na secretaria do curso, que ainda se localizava no prédio de madeira. Em função deste episódio, documentos e parte da história foram irremediavelmente perdidos. Talvez

justamente pela fragilidade escancarada da materialidade do pré-fabricado naquele momento, a secretaria da curso é levada para o térreo da primeira etapa concluída do prédio de alvenaria, e ali permanece até hoje, mesmo que o projeto da equipe de Brena a tivesse colocado em outro lugar. Em votação, o departamento optou por reconstruir a cobertura da área atingida pelo fogo, com os mesmos materiais e linguagem do prédio verde e térreo, constituindo uma espécie de pavilhão de entrada. Em algum momento, são reconstruídas também as paredes, diminuindo esta área coberta livre. Já era, na época, um lugar de passagem e encontro importante para a escola.

Conforme o prédio branco é continuado (num primeiro momento, amarelo), se faz necessário demolir a maior parte do “C” que abrigava a Maquetaria e ateliês ao redor do anfiteatro. Durante seis anos, de 2003 a 2009, quando são concluídas

as outras duas etapas da obra, a escola vive, agora literalmente, em constante construção. Aos poucos, salas de professores são deixadas para trás e reorganizadas com divisórias num edifício que havia sido feito para ser permeável e extenso; fundos viram frente; surgem novos níveis e degraus conforme a grande meia lua avança; espaços de convívio se deslocam; a escola muda de cara, sem nunca deixar de ser apropriada pelos seus estudantes que picham, em meio à festas e trabalhos, “todo poder ao pedreiro” na rampa de acesso lateral que oferece sua face como mural de entrada. Algumas árvores, antes preferidas, são removidas enquanto nascem mudas que viriam a se tornar parte da paisagem identitária do lugar. O banhado ao lado recupera sua vegetação e as trilhas pela grama mudam, mas sempre levam até a Arq.



Fotografia: João Carlos, 2009



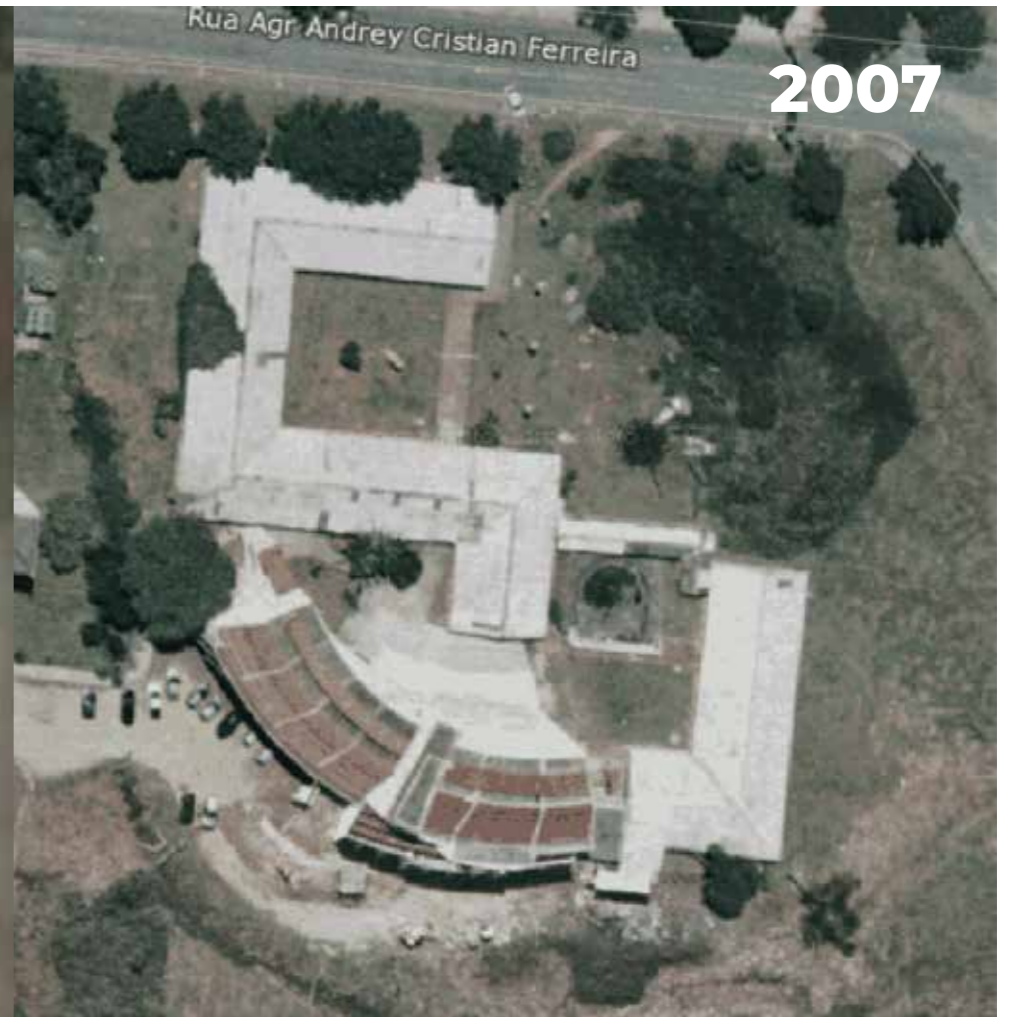
Fotografias: João Cortês / André Luiz de Lima / Marcelo Cabral / Grupo de 40 anos do curso / Arquivo DLA



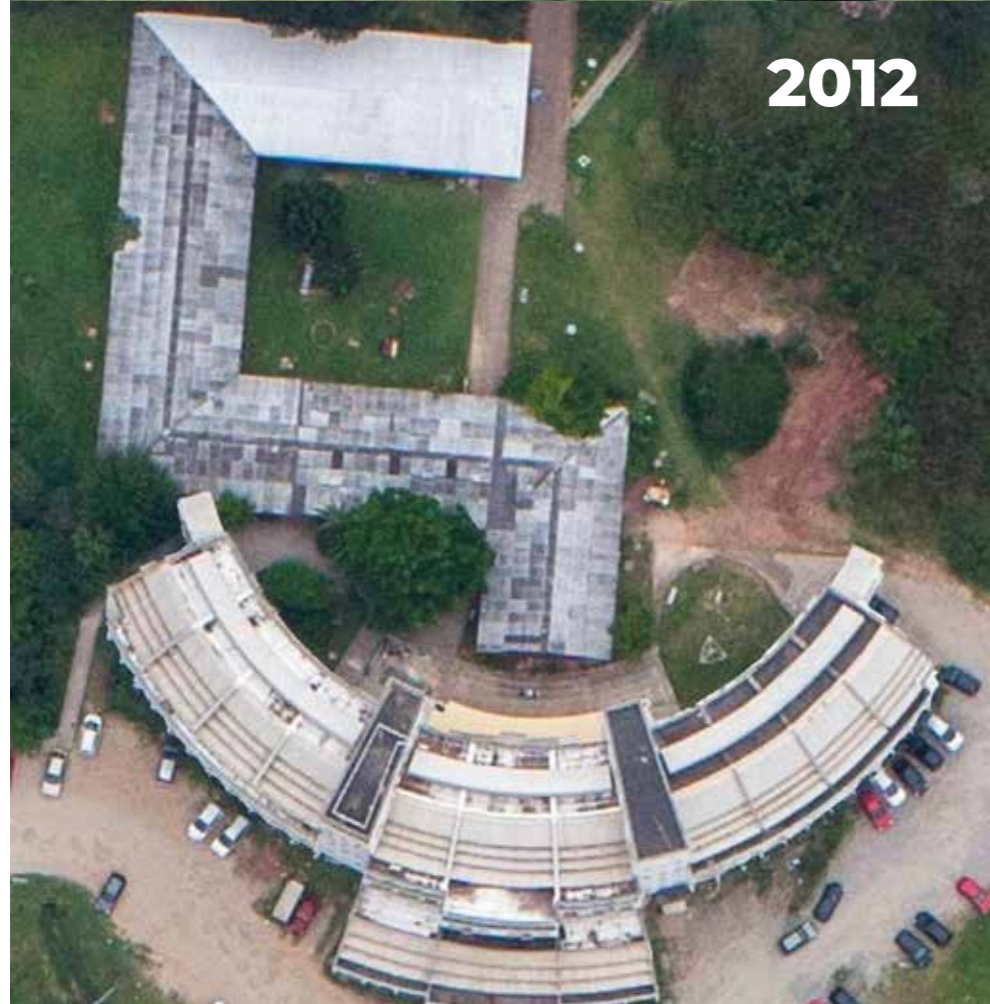
2002



2003



2007



2012



2015



2022

No Pavilhão

Uma dessas composições de coexistência abrupta entre os dois prédios tão distintos (novo e antigo / curvo e ortogonal / alto e térreo / bruto e frágil, etc, etc) perdurou de 2009, quando se deram por encerradas as obras, até 2015, quando ocorreu a mais recente demolição de parte do antigo departamento. Nesta época, localizava-se em frente ao prédio branco a edificação ainda verde, ainda de madeira, onde antes ficavam secretaria, sanitário, ateliê, sala de aula, alguns laboratórios e o pórtico de entrada reconstruído após o incêndio. Ali passaram a funcionar o CALA, o AMA (Ateliê Modelo de Arquitetura, serviço modelo do curso), uma sala de aula e um ou outro grupo de pesquisa; aos poucos, as salas antigas iam sendo abandonadas de programas formais para permanecerem fechadas (salvo aquelas utilizadas pela pós graduação), sem uso ou se transformando em depósito, sendo uma delas incorporada ao espaço do AMA e outra transformada num "ateliê 24 horas", espaço de gestão autônoma dos estudantes utilizado para trabalhos fora do horário de aula, especialmente

durante as madrugadas.

Uma singularidade deste período é justamente a proximidade desse espaço livre e solto que chamamos de **Pavilhão** (aquele, que havia sido reconstruído após o fogo) ao prédio branco. Como o nome propõe, trata-se de um pequeno pavilhão - neste caso, um espaço dotado de piso e cobertura, aberto, que serve de abrigo permeável e tem relação direta com algumas salas. O Pavilhão antigo era um espaço de entrada, parte do caminho inevitável de todos que iam da calçada até o prédio branco, conectando neste percurso as os espaços onde se organizava o movimento estudantil e a prática pura de extensão do curso. E era também um espaço de convívio, exposição, descanso, evento, trabalho, permanência, experimentação, reunião, respiro, sinuca e festa e o que mais se quisesse, e o que mais o agora prédio "oficial" não abrangesse. Ao lado de uma edificação que se colocou alta para atender demandas por espaço, pra dizer alguma coisa, o Pavilhão era o barraco verde por fora e vermelho por dentro que seguia sem tentar dizer nada demais, permitindo que se falasse de tudo; mantinha a escala humana aconchegante, o pé direito simples, os pilares na distância ideal para apoiar uma rede; enquanto o pé de cinamomo crescia entre os dois. Ali

seguia acontecendo uma escola de arquitetura que permitia intensa apropriação por parte dos alunos, principalmente.

O que ocorre em 2015 com o antigo Pavilhão é um processo controverso. Pela vulnerabilidade da edificação - tanto em função do seu sistema construtivo como do uso que acolhia - era compreensível que não seria permanente. Diferentes atores envolvidos na época colocaram suas posições, alguns insistindo fortemente no abandono e demolição completa e imediata do espaço, outros questionando que debate deveria acontecer na comunidade acadêmica do ARQ durante este tipo de mudanças. Vinha da direção do CTC a ordem de demolição dos prédios de madeira alegando que estavam condenados estruturalmente, num caráter de ação emergencial e complementar à construção do prédio branco.

O professor César Floriano, na época em posição de chefe do departamento, buscou mediar o diálogo entre a direção do CTC e os alunos, não só aqueles que participavam das entidades estudantis alocadas ali como também com os que usufruíam do espaço para lazer e trabalho. Ofereceu uma disciplina optativa de ateliê dedicada a pensar o futuro do terreno e possíveis adaptações de outras

partes do edifício de madeira que estavam melhor conservadas para um novo Pavilhão. Desde o início desta disciplina, o professor colocou como objetivo a reutilização de partes da edificação e a implantação onde foi de fato reconstruída. Foi aberto muito espaço para o debate e diferentes propostas nos moldes de solução provisória / pragmática foram desenvolvidas, mas já se delineava a dificuldade de execução da obra. A direção da universidade, Centro e Departamento não apresentavam meios materiais e financeiros - ou fortes intenções de captá-los - para tirar as ideias do papel: já se sabia que a obra teria de partir do esforço (e bolso) do corpo estudantil através de mutirões e contratação particular de serviços, ou não aconteceria. Foram feitas algumas reuniões entre os poucos estudantes das gestões do CALA e AMA e a direção do CTC, inclusive com a presença do chefe de departamento, em que foram feitos acordos informais e promessas de recursos para a construção, quase como contrapartida compensatória da demolição de um espaço que não era ocioso, pois abrigava usos relevantes para a comunidade acadêmica. Estes momentos geraram uma credibilidade de que o processo ocorreria como planejado até o final.



Fotografias: Anastácia Bueno | Vicente Schmitt | João Carlos | Fonte: grupo dos 40 anos do curso / Arquivo CALA





Uma questão que se sobressai nos relatos em relação a esta parte da história do curso é que houve um entendimento, por parte dos estudantes envolvidos, de que as salas seriam *desmanchadas* ao invés de simplesmente demolidas, para garantir a reutilização dos materiais. No entanto, não foi o que aconteceu. O que foi “salvo” da construção - os pilares e vigas de angelim-pedra, painéis das paredes ainda em bom estado, esquadrias de canela / louro freijó / cedro / eucalipto e outras madeiras naturais, a própria porta do CALA - teve que ser separado, carregado e guardado no porão pelos estudantes *nos intervalos de aula*. Havia ali uma falta de comunicação (ou mesmo cuidado) entre o que fora acordado e os trabalhadores da prefeitura do *campus* enviados para o trabalho. Existia uma intenção de remover as telhas com cuidado para utilizá-las depois, mas elas eram jogadas no chão ao invés de empilhadas. Um dos funcionários inclusive se acidentou na demolição quando parte da cobertura cedeu. Os entulhos ficaram espalhados pelo pátio e o pessoal encarregado não voltou ao terreno, numa época de chuva intensa entre os dois semestres de 2015, o que impediu o andamento apropriado de limpeza - que também acabou organizada por alunos em seu tempo livre, face às dificuldades de chegar até o prédio branco dentre as ruínas e ao abandono institucional então evidente. Foram contratados, por conta dos discentes, papa-entulhos e caminhões para levar a enorme quantidade de madeira embora. As treliças, especialmente, tiveram de ser desmontadas para descarte porque eram extremamente pesadas.

O aspecto do lugar era de destruição e descaso, que, somado ao contexto político tenso (também de destruição, diga-se de passagem) que antecedeu o golpe de 2016 e à perda do espaço-lugar de convívio, cansou, desanimou e desarticulou os estudantes, especialmente aqueles que haviam assumido tomadas de decisão delicadas em nome do corpo discente em relação à mudança e estiveram presentes o tempo todo, mesmo durante os recessos, no trabalho mais pesado. Este episódio e a desarticulação, na época, foram fatores que também influenciaram no enfraquecimento do debate acerca do currículo que havia sido levado pelo GELEA (Grupo de Estudos Livre sobre o Ensino de Arquitetura, formação autônoma que surgiu da insatisfação dos estudantes com a falta de equilíbrio experienciada nas demandas do curso) às discussões institucionalizadas. É importante ressaltar que, embora fosse um espaço

amplamente utilizado pela comunidade acadêmica, foram poucos os alunos, e muito menos os docentes, que se envolveram profundamente com o processo como um todo e até o final - tanto nos debates como no trabalho físico, como costuma acontecer. Apesar do grande impacto daquilo tudo e participação ampla no início, mesmo o ateliê de projeto ficou esvaziado conforme os semestres se aproximavam do final, os envolvidos avançavam no curso e o lugar vivo se perdia entre entulhos.



Reunião sobre o Pavilhão com o prof. César - Gui Ruchaud - 2015

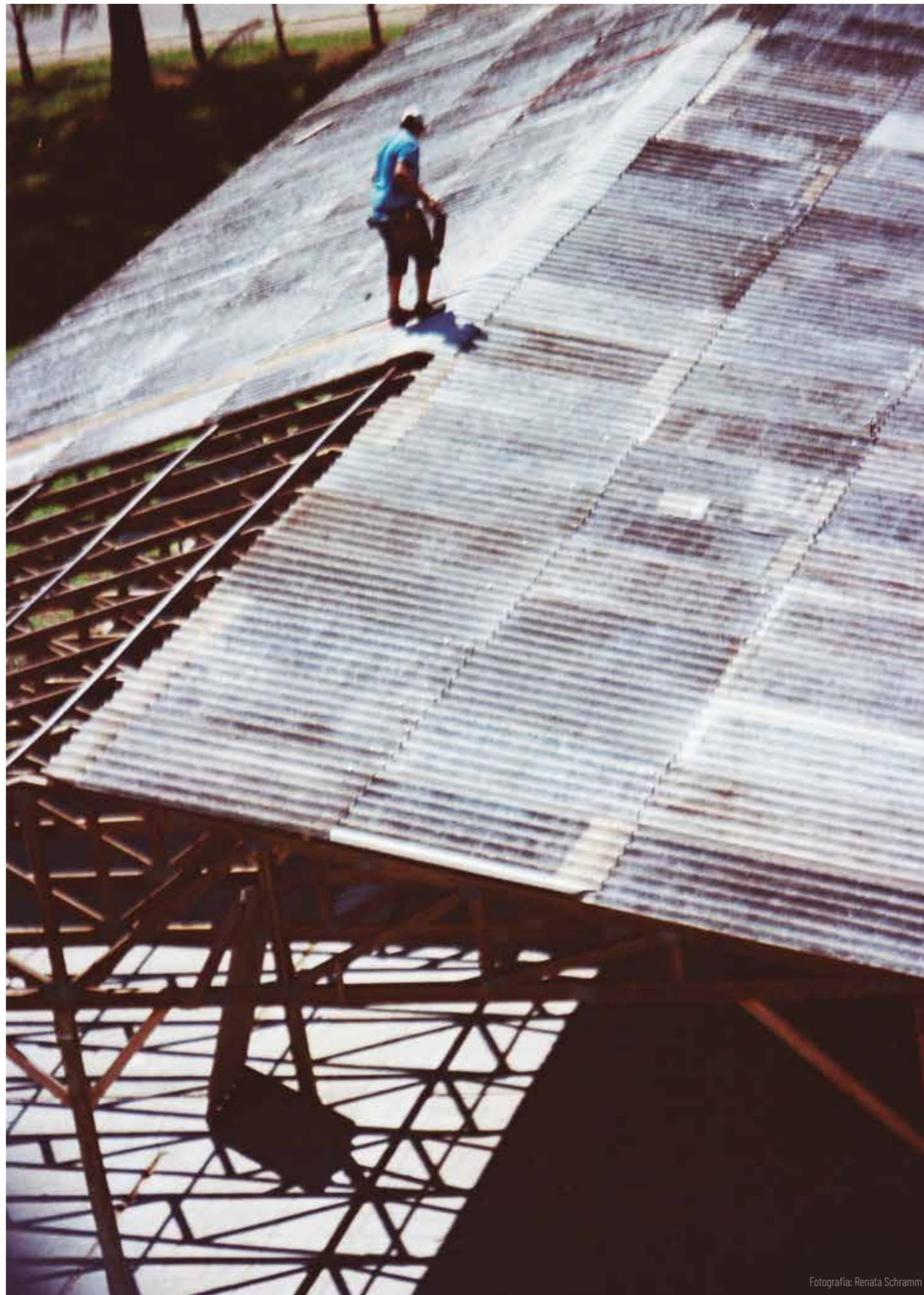


Fotografias: Autores diversos - Exposição Pavilhão | Acervo do GUA

A energia disponível foi depositada na construção do novo Pavilhão - espaço que permanece até hoje, em 2023, no departamento. Para a ala restante do antigo prédio de madeira, aquela mais próxima da rua, mudaram-se o Tarrafa hacker clube, o Centro Acadêmico e o Ateliê Modelo, ao lado de salas que estavam abandonadas ou ainda eram utilizadas pelos pós graduandos. Foram derrubadas todas as paredes restantes, sobrando apenas o contrapiso e as calçadas de tijolos deitados. A parte aberta do Pavilhão foi feita com o auxílio de dois pedreiros contratados pelos alunos, uma vez que não houve adesão suficiente nos mutirões de construção, relação com disciplinas de práticas construtivas ou mesmo força física para carregar com a mesma agilidade as partes estruturais de angelim.

Foram compradas peças metálicas para fixar no contrapiso os pilares de seção quadrada conforme a malha estrutural onde estavam as paredes, com reforços de mão francesa. As telhas foram removidas e selecionadas para reuso; as treliças foram mantidas no mesmo lugar e escoradas, e sua carga transferida do woodframe para a estrutura atual. Quando removidas as paredes autoportantes, o pedreiro mostrou aos alunos que seria necessária uma maior "amarração" da estrutura por ser uma ala muito longa: empurrando uma das treliças, balançou todas elas. A solução possível foi a colocação das régua centrais e pilares roliços de eucalipto fixados onde antes ficava o corredor. Foram trocadas as ripas que estavam em mau estado e, por fim, já quase em abril em 2016, após muito tempo sem cobertura, o Pavilhão tem suas telhas colocadas pelo pedreiro Arnaldo e sua equipe num final de semana - após serem frustradas as tentativas de finalização com mutirão de estudantes e os próprios trabalhadores terem cansado de esperar por essa solução. Nessa época a disciplina de projeto já havia acabado, o professor César já se afastava da situação e a administração central havia deixado o caso de lado: apenas não interferiu nos serviços terminados de forma particular.

Ao todo, investiu-se R\$ 10.300,00 na construção, segundo consta numa publicação de transparência financeira da gestão do CALA. Foram recursos arrecadados pelos estudantes, tanto em eventos e ações voltadas para o fundo da obra, organizados pelo CALA, como de caixas disponíveis de edições da FantasiArq. Havia, na época, uma promessa da direção do CTC quanto à custear e



Fotografia: Renata Schramm

executar o piso após a colocação da cobertura. No entanto, esta etapa nunca foi sequer começada. Hoje é possível lembrar a dinâmica da obra com alguns registros em fotos e vídeos encontrados no backup do próprio CALA e a partir de publicações no grupo "Ateliê Pavilhão" no Facebook, utilizado na disciplina que dedicou-se ao projeto. No primeiro ano de uso do novo espaço, foi organizada também pelo Centro Acadêmico uma exposição fotográfica que mostrava o espaço antigo, relatos, a obra, impactos causados pela mudança e experimentações artísticas na experiência como um todo. As fotografias impressas nesta exposição ainda se encontram fixadas nas paredes de woodframe.

Dali em diante, o Pavilhão contou com melhorias e constantes tentativas de qualificação, como a parede de CordWood feita na semana acadêmica de 2016 e o piso de cimento queimado no CALA. Uma instalação elétrica simples de iluminação foi feita pelos alunos nas régua e treliças. Assim como a limpeza da demolição e execução da obra, as manutenções foram ficando cada vez mais a cargo das entidades estudantis, incluindo a atlética e coletivo feminista do curso criados nos últimos anos, que também se instalaram nas antigas "casinhas do Saraiva". O conserto do forro na sala atual do AMA, por exemplo, só foi possível porque um aluno do curso de arquitetura trabalhava justamente neste setor no Núcleo de Manutenção da UFSC e pôde auxiliar no processo, impedindo que ficasse como última prioridade. Algumas das maiores dificuldades hoje em dia são em relação à instalação elétrica e às paredes, telhas, forros e treliças desgastados pelo tempo, chuva e cupins; já as vigas e pilares de angelim resistirão ainda por muitos anos. Por um lado, o espaço aconteceu pela autonomia estudantil mas, por outro, não encontra nela recursos e tempo suficiente para manter-se estável estruturalmente.

Como nos sonhos e objetivos mais esperançosos daqueles que tocaram o projeto até o final, o novo Pavilhão foi apropriado pelo corpo estudantil e se tornou novamente espaço de lazer, convívio, festa, descanso, trabalho, exposição e agora, também, resistência, memória e resiliência. Com o distanciamento de quase oito anos desde sua reforma, hoje se considera o espaço uma grande vitória dos estudantes, visto que a probabilidade era de que se perdesse tudo. Esta vitória só foi possível pelo esforço que praticamente esgotou os recursos de que dispunha o movimento estudantil da arquitetura, um curso que já exige tanto dos alunos o tempo todo.



Fotografias: Autores diversos | Acervo do CALA

No deserto ocupado, a ocupação deserta

O espaço do departamento hoje, como um todo, apresenta uma dinâmica um tanto dicotômica. Ao passo em que se concentram no prédio branco todas as atividades e espaços formais (como administração, salas de aula, laboratórios, salas de professores), o Pavilhão e salas do antigo departamento são mais utilizadas apenas pelos estudantes, tanto para atividades mais institucionalizadas (como as do centro acadêmico e serviço modelo) como também encontro, trabalho extraclasse e demais vivência na universidade. Podem ser apontados vários motivos para isso, mas um deles certamente é a baixa quantidade e qualidade dos espaços deste tipo no prédio - que muito provavelmente não melhoram justamente por existir a alternativa.

O prédio branco, por suas características arquitetônicas, pode ser configurado e utilizado de diversas maneiras. A disposição atual do programa provoca ambiências diferentes em cada uma de suas partes: corredores mais desertos perto de alguns laboratórios, os mais lotados em frente aos ateliês. Estudantes se encontram e preenchem o terceiro andar, onde têm suas aulas de projeto, ao passo que não vêem por que permanecer pela circulação do térreo e têm dificuldade de encontrar o Solarscópio. Historicamente, conflitos deram um aspecto quase feudal à locação das salas de professores e/ou de cada núcleo, e as dinâmicas de distribuição do espaço mudam constantemente conforme as demandas, atores envolvidos e patologias no edifício. Algumas coisas estão estagnadas desde a primeira ocupação da construção e já perderam seu significado enquanto outras são alocadas de forma inédita e criativa a cada nova chefia de departamento. Das portas para dentro, cada espaço ali tem suas particularidades e história e hoje, mesmo "incompleto", abriga um curso diferente daquele para o qual foi projetado na sua época.

Embora ofereça salas generosas e corredores bastante amplos, poucos lugares na edificação em altura contam com a ambiência ou mobiliários convidativos à permanência. Engraçado, o lugar onde mais costumamos parar para conversar é justamente em frente às escadas, quando a largura da circulação diminui drasticamente. Experimentações ricas e diversas como nas greves,

Encontros de Estudantes de Arquitetura, Semanas Acadêmicas ou mesmo a Ocupação em 2016 mostraram possibilidades de uso destas circulações e sacadas do prédio branco sob outro ponto de vista, transformando-os em rua vertical, apoio de high line, espaço cultural expositivo, mural de resistência, lugar de agito. Mas estes ambientes foram efêmeros, e a exposição destes corredores ao sol e chuva dificulta instalações do tipo mais permanentes.

Outros espaços de muito potencial são o Hall da Maquetaria, a arquibancada e o espaço livre no contrapiso em frente. São frequentemente utilizados para a exposição da produção das disciplinas e pranchas de TCC, além de assembleias e reuniões, aulas públicas e atividades diversas que pedem espaços amplos e flexíveis: de oficinas de dança a rodas de conversa sobre casos de machismo na escola. A proximidade com o LabMoMa e LabSisco permitem o uso do ambiente como extensão do espaço de trabalho para práticas de canteiro experimental, se a comunidade acadêmica - especialmente o corpo docente - assim incentivar. Um pouco mais de infraestrutura, no entanto, poderia causar impactos positivos na intensidade de uso do espaço: mobiliários que permitissem o descanso ou facilidade em compor espaços de reunião, murais interativos bem mantidos, pontos elétricos e hidráulicos, mesas de trabalho, cobertura e sombra, etc. Mesmo a instalação de serviços licitados como cafés e copiadoras por perto já configurariam um espaço mais qualificado para a permanência e encontro do que apenas para circulação.

Do outro lado desses laboratórios, o pátio dos fundos do prédio também oferece possibilidades de uso, especialmente para práticas de construção. Ali e nos porões, recentemente limpos e organizados (mais uma vez), faz sentido a instalação de coberturas, baias para materiais volumosos, bancadas para trabalho, tanques, painéis de ferramenta, maquinário, quadros negros, iluminação e energia elétrica, etc. Este tipo de espaço, é claro, deve vir acompanhado de uma instituição, currículo e corpo docente preparados para seu máximo aproveitamento e preservação.

Em contraste ao edifício permanente feito com recursos destinados à educação, a "casinha"



reformada com recursos vindos da autonomia estudantil, se destina a tudo que falta naquele. O Pavilhão já dura muito mais do que o previsto e imaginado pelo curso tanto em 1994 como em 2015. E é difícil, no fim das contas, apontar exatamente o que é que qualifica esse espaço. Pra mim, são várias coisas. Sua materialidade, tamanho, necessidade de cuidado, história / registros / transformação, malha e sistema estrutural, esquadrias diferenciadas, efemeridade, eventos que abrigou, relação com o entorno, pessoas que frequentam, atividades que incentiva, a posição em que está. Até mesmo, inclusive, as imperfeições que conferem certa humildade ao espaço. E talvez

(aliás, provavelmente) isso seja questão de gosto pessoal. De qualquer forma, não está ainda de pé, e ainda ocupado, mesmo com problemas, à toa. As possibilidades e relações que existem ali são mais ou menos o que o curso de arquitetura da UFSC buscava ao sair fisicamente do CTC. São coisas que o prédio branco não dá conta, ou pelo menos ainda não ofereceu espaço para acontecer. Mas o debate em relação a aproximar estes usos fisicamente, à demolir ou desmanchar, a mudar as coisas de lugar, a construir algo novo ou preservar o que ainda existe não cabe neste texto.

Na roda viva

Tentei chamar a atenção para o que pode ser tomado como diretriz de uma futura ampliação física da escola, especialmente partindo da história do espaço do curso. Quando se fala sobre o departamento de arquitetura da UFSC, a “simples” concretização do que mais havia sido projetado por Brena e sua equipe já não seria satisfatória para a atualidade - porém, é o que se encontra ainda na fila do DPAE (Departamento de Projetos de Arquitetura e Engenharia da UFSC), responsável pela organização de obras. Sabemos que uma boa arquitetura pode emergir em formas simples, e que já tivemos espaços de qualidade partindo dos materiais mais singelos. Não esquecer de como isso foi feito aqui é, a meu ver, um passo em frente para que o departamento esteja pronto para agir quando da possibilidade de construção. E por que não exercitar constantemente o processo projetual logo ali, à porta da sala do ateliê?!

Num estudo breve dos aspectos naturais do terreno, salta aos olhos a vegetação bem desenvolvida por toda a parte permeável do pátio, os córregos próximos aos fundos e lateral leste do prédio e o banhado que cumpre função de drenagem do solo / barreira visual da rua Edu Vieira. Em relação às pré-existências, instalações elétricas e hidráulicas ainda passam pelo contrapiso, exigindo atenção especial em relação à reformas; compatibilizar qualquer linguagem arquitetônica com o edifício branco é desafiador; e há um valor arqueológico no que restou do departamento antigo. O futuro não tão distante promete mudanças na mobilidade e urbanização dos arredores imediatos com o alargamento da via principal do Pantanal, e seus impactos já são rapidamente sentidos no início de 2023.

No levantamento de demandas por espaço, a UFSC como um todo - inclusive o CTC - carece de salas de aula, e nosso curso se beneficiaria de mais ateliês, salas de professores, de reunião, de trabalho e convívio do pessoal terceirizado, de estudo, laboratórios dedicados à pós graduação, confecção de maquetes, práticas estruturais, armazenamento de trabalhos em andamento, dentre tantos outros em se falando de uma escola do futuro. As organizações estudantis merecem urgentemente espaços dignos e seguros para suas atividades sem ficarem escondidas do dia a dia no

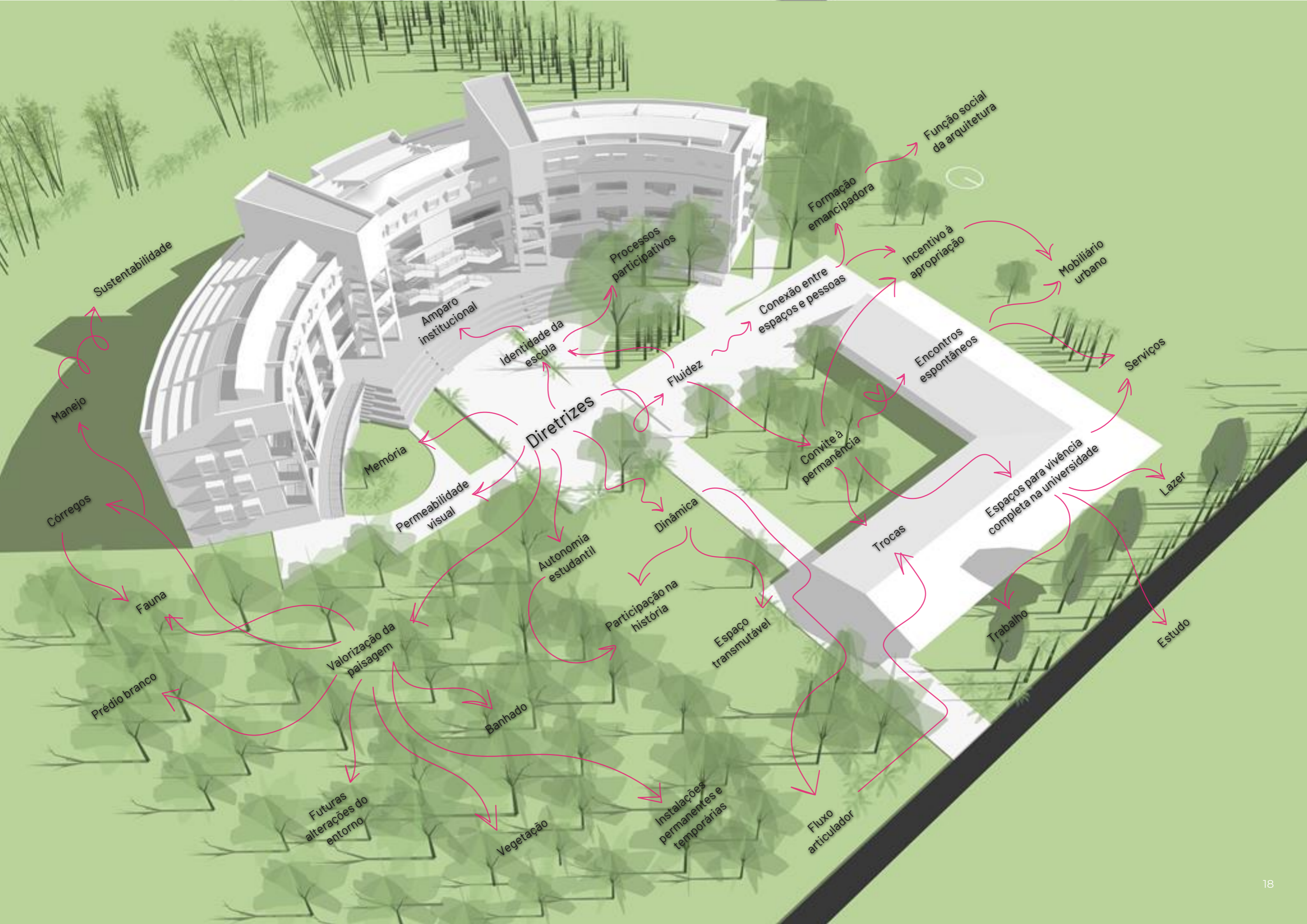


mezanino. E depois de transbordar no Pavilhão, não seríamos capazes de voltar ao molde institucional do espaço estéril.

Uma futura interferência no departamento pode tomar como ponto de partida traços culturais que foram ou ainda são identitários daqui, que já se materializaram em algumas formas, como os pátios internos numa determinada escala, a concentração de ateliês ao redor de um espaço de encontro, a presença de abrigos cobertos sem paredes, amplas circulações com amplitude visual. Também pode buscar refletir numa espacialidade inédita, ou numa adaptação da existente, as expressões da comunidade acadêmica. Mesmo o histórico de ser feito “uma colcha de retalhos” em termos dogmáticos e materiais é algo que concede identidade ao curso e pode ser tomado como partido de projeto.

O prédio branco oferece uma simetria rígida, quase clássica, quase destoante da sua essência pós moderna. Manter uma quebra desta simetria é um risco (no sentido de riscar) que não só remete às instalações originais de madeira como também proporciona respiro à área verde densa do banhado na esquina, que não está ali por acaso e merece atenção. Quanto aos fundos do prédio, a mesma lógica de preservação dos recursos naturais sugere que os futuros projetos levem em conta a presença dos córregos e a cultura de manejo dos bambuzais plantados para atender as disciplinas de práticas construtivas. Edificações ortogonais de formas geométricas simples fariam referência à nossa primeira organização espacial independente e viabilizariam uma construção eficiente e econômica.

Finalmente, o que espero deixar como uma diretriz principal é a importância dos espaços de convivência na escola. Que sejam acessíveis, abertos, articuladores de outros tipos de espaço, passeios de entrada, apropriáveis, permeáveis, flexíveis, diversos, convidativos, estruturadores, essenciais. Na Arq, que sejam coloridos e livres e políticos e pedagógicos e indiscutivelmente nossos, sem represálias. Que também sejam equilibrados entre autonomia estudantil e amparo institucional. Que proporcionem o avanço da universidade pública como espaço cultural, como parte da cidade, e modelo de cidadania. Parece quase impossível traduzir esse tipo de qualidade no espaço: mas a história nos mostra que já estamos no caminho certo. Que nada disso se perca esquecido no passado.



Sustentabilidade

Manejo

Córregos

Fauna

Prédio branco

Futuras alterações do entorno

Vegetação

Instalações permanentes e temporárias

Banhado

Valorização da paisagem

Participação na história

Espaço transmutável

Autonomia estudantil

Dinâmica

Permeabilidade visual

Memória

Diretrizes

Identidade da escola

Amparo institucional

Processos participativos

Fluidez

Formação emancipadora

Função social da arquitetura

Conexão entre espaços e pessoas

Incentivo à apropriação

Mobiliário urbano

Encontros espontâneos

Serviços

Convite à permanência

Espaços para vivência completa na universidade

Lazer

Trocas

Trabalho

Estudo



Quem perde tempo, ganha espaço

Há uma música de onde eu vim que diz: “em cada céu, em cada chão / minha alma lá deixa!”. Difícil explicar. Parece que deixei tudo de mim pelo caminho percorrido aqui e, ao mesmo tempo, chego no final me sentindo uma soma de tudo e todos que me abrigaram nessa trajetória. Agradecer parece pouco, mas farei isto mesmo inconformada que não seja possível falar no nome de cada - um!

Se esta jornada for uma vitória, é graças à Cris, sem a qual não haveria trabalho, nem conclusão, nem curso nenhum, nem Lela que restasse dessa intensidade com que insisto em me envolver com tudo. Obrigada por me ajudar tão gentilmente a não me afogar no tsunami que é existir, uma horinha de cada vez. Se eu tivesse direito a um desejo mágico, pediria que todos pudessem ter uma Cris na sua vida.

Se esta jornada foi possível, é porque o amor e cuidado da minha família me conduziram até aqui: que sorte vir parar em Floripa trazendo em mim a paixão de fazer como do meu avô, a autonomia exemplar da minha mãe, a naturalidade de fazer novos amigos herdada do meu pai, o alívio e segurança que é a presença constante da minha irmã na minha

vida onde quer que a gente more, não importa que angústias atravessem o dia a dia. Obrigada por me proporcionarem tantos pontos de partida e ainda estarem exatamente ali quando meu coração precisa voltar.

Se eu não desisti quando as coisas ficaram difíceis (e elas têm mania de sempre ficarem difíceis) é graças aos amigos, muitos, tantos, tantos! que não deixaram que os fiozinhos dentro de mim se arrebatassem. A Thati levando meu coração no bolso dela. O Wolfgang cruzando olhares comigo no primeiro dia pra nunca mais me deixar só. O Jorge me ajudando a crescer de forma irreversível pra então preencher meus dias com arte, poesia e companheirismo pra que crescer doesse menos. O Gustavo sendo uma referência enorme pra mim sobre o envolvimento com o espaço e se tornando uma saudade diária. A Isa e a Gabi me embalando no abraço delas, me curando sem que seja preciso palavras, só música. As gurias que dividiram a morada comigo e me proporcionaram liberdade criativa nos meus melhores dias e amparo nos piores. O John e o Zé incansáveis comigo em meio à madeiras e ferramentas. E tantos outros. Uma lista

imensa. De gente daqui e de gente de lá. É conflituoso pra mim não falar de cada um aqui, mas sei que expressei esse amor todo sempre que pude. Obrigada por me amarem de volta, cada um à sua maneira: se este trabalho é uma carta de amor, é porque com vocês pude me tornar alguém que ama intensamente.

Se nesta jornada pude contribuir com o curso e descobrir com o que quero preencher minha vida, é porque me foi dado tempo e espaço pra isso. Agradeço aos professores Ramon, Lucas, Leticia, Marina e meu orientador Ricardo por todas as oportunidades que me proporcionaram na arq e

pelos ensinamentos e companhia: se eu virar a arquiteta que quero ser, será graças a vocês. E se eu virar a marceneira que quero ser, será porque terei aprendido com o mestre Saulo a fazer tudo com capricho, paciência e paixão por ensinar. Se eu sou a pessoa que sou, é porque no CALA e na Maquetaria descobri o que me move.

Se esta jornada fez sentido, é porque houveram outros antes de mim, e aqui comigo. Que sorte poder ter vivido este curso e estes espaços construídos a tantas mãos. Que privilégio os tantos relatos e materiais oferecidos - com gosto! - pra que eu pudesse delinear essa história. Maria Inês, Lino, Eduardo, Ricardo, Lucas, Keven, Ruchaud, tantas outras pessoas: agradeço imensamente e espero ter conseguido guardar essas memórias de vocês para que infinitas gerações possam lembrar a vida desse lugar. Especialmente, agradeço ao André, que além de aparentemente ter estado em tô-dax do rolê do Pavilhão, também resolveu ficar na minha! Obrigada por isso e tanto mais, e tudo que o futuro nos reserva.

Se isso tudo puder concretizar na história ao menos um pouco do meu sentimento por esse espaço e minha inesgotável e incontável vontade de estar aqui com a mão na massa pra sempre, nada terá sido em vão. Não me cabe mais ficar da forma como foi até agora: então torço para que esse trabalho seja inspiração para aqueles que estiverem chegando, em especial os colegas que tiveram seu início no curso atravessado pela pandemia. Que a Arq seja de vocês tanto quanto foi minha. Que este lugar sempre esteja seguro para cumprir suas funções. Que a Arq UFSC seja cada vez mais diversa, humana, social, investida em seu tempo sem perder de vista seu passado nem deixar de lutar pelo seu futuro. Que proporcione tantos sentimentos bons como os que eu tive o privilégio de colecionar. Que forme enquanto geração os paradigmas do trabalho do arquiteto. Que esteja em constante transformação visando o que realmente importa: porque *você prédio, acho tédio; você praça, acho graça.*

PINTO, Gelson de Almeida; BUFFA, Ester. **Arquitetura e educação: câmpus universitários brasileiros**. São Carlos: Edufcar - editora da universidade de São Carlos, 2009. v. 1.000. 151p.

RODRIGUES, Icles. A UFSC na década de 60: outras histórias. In: NECKEL, Roselane; KÜCHLER, Alita Diana C.. (Org.). **UFSC 50 anos: trajetórias e desafios**. 1ed. Florianópolis: UFSC, 2010, v. , p. 17-35.

PERES, Lino F. B. Entrevista citada. In: NECKEL, Roselane; KÜCHLER, Alita Diana C.. (Org.). **UFSC 50 anos: trajetórias e desafios**. 1ed. Florianópolis: UFSC, 2010, v. , p. 325-324.

ATCON, R. P. **Rumo à reformulação estrutural da universidade brasileira**. Rio de Janeiro: MEC/DES, 1966, Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001610.pdf>

WESTPHAL, E. **Onde se formam arquitetos: sobre os espaços de escolas de arquitetura no Brasil**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Florianópolis, 2020. 301 p. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/216478>

Universidade Federal de Santa Catarina. Comissão Permanente de Planejamento Físico. **Plano diretor do Campus da UFSC : diretrizes e proposições** / Comissão Permanente de Planejamento Físico. Florianópolis : UFSC, 2005.

História da criação do departamento ECV. ECV. UFSC, 2023. Disponível em: <https://ecv.ufsc.br/historia-da-criacao-do-departamento-ecv/>

Xilogravura:
Sonho na arquibancada
Jorge Saler - 2022

